

A tira de papel

A sessão terminara.

Armindo pensava, enquanto as pessoas deixavam o salão. Ali viera pela primeira vez por insistência de amigos que lhe indicaram o Espiritismo como recurso para asserenar-lhe a angústia.

Ecoavam nele, ainda, as palavras do orador, moço a brandir verbo firme e brilhante:

— A fé em Deus traz a alegria de viver. E' sol na alma. Tenhamos confiança e, sobre tudo, ajudemos aqueles que não a possuem, confortando os desesperados. Ajudar a alguém, é ajudar-nos. Servir, é servir-nos...

E Armindo cismava:

— O pregador diz essas coisas, mas não crelo que as faça. E' muito moço ainda. Cheio de vida. Quero ver quando chegar na minha idade... cinquenta e seis anos... Quanta decepção!... Quanta dor!...

E, meditando, não percebeu que quase todos os circunstantes já se haviam retirado, deixando-o quase só...

Armindo levanta-se e vê um monticulo de papel sobre a mesa.

São pequenas tiras indicando os nomes de doentes que haviam recorrido às orações daquela noite no templo espírita.

Brota-lhe uma ideia de súbito.

Apanharia um nome e aplicaria os conselhos ouvidos.

Consolaria a alguém necessitado, tentando melhorar a sua própria mente.

Toma de um pedacinho de papel e lê nele um nome de mulher, com o endereço respectivo.

— Amanhã é domingo — refletiu. — Visitarei essa pessoa pela manhã.

Realmente, às oito horas batia à porta de pequena casa, a desmoronar-se em bairro distante.

Mocinha triste atende.

Armindo pergunta pela mulher indicada. E a jovem fala baixinho:

— Meu senhor, Conceição acaba de desencarnar. Entre, faça o favor.

Emocionado, Armindo vê junto a cadro paupérrimo duas senhoras humildes compondo o corpo inerte de mulher moça, observadas por duas crianças de olhar agonizado.

Depois das saudações, uma das senhoras assinala, discreta:

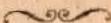
— Era câncer. Descansou, coitada. Há três meses vinha sofrendo horrivelmente.

Armindo, consternado, ouviu o esclarecimento.

Nisso, um homem penetra no quarto penumbroso.

— E' o marido da morta e pai dos meninos — esclarece a senhora, falando de novo.

Armindo dirige-se para ele, fazendo menção de cumprimentá-lo, e, extremamente surpreendido, reconhece nele o orador da noite precedente, de olhos molhados, mas de fisionomia tranquila.



Os vira-latas

Desaparecera Nelito, o filhinho do industrial Sérgio Luce.

A família viera da cidade passar o fim de semana no apagado burgo madeireiro. E Manoel, o pequeno Nelito, de quatro anos, embrenhara-se na mata enorme que circundava a localidade.

Duas horas longas de expectativa.

A senhora Luce chorava ao pé do marido preocupado. Amigos chegando. Servidores em movimento. Lá estavam as pessoas mais salientes da vila. O médico, o sacerdote, o juiz, alguns professores e o antigo advogado Dr. Nascimento Júnior, muito conhecido pela sua intransigência religiosa.

Humilde, apareceu também Florêncio Gamma, o diretor do templo espírita recém-fundado. Misturava-se, em sua roupa surrada, à turba palrador, no grande portão da entrada, sustendo dois cães arrepiados, em corda curta.

— Florêncio! Florêncio, venha cá!

Era o Dr. Nascimento a chamá-lo. O operário simples, de chapéu na mão e segurando os cachorros mansos, foi atender.